

## **Divino Salvador, São Salvador ou o Salvador**

### **Festa em 6 de Agosto**

Trata-se de uma universal devoção a Cristo, por parte dos cristãos que n'Ele reconhecem o Salvador do mundo. Pois que não há outro nome (pessoa) que nos possa salvar a não ser Nosso Senhor Jesus Cristo. Aliás, o nome Jesus significa, precisamente, "Deus salva".

Como nos ensina o Catecismo: Em hebraico, Jesus quer dizer «Deus salva». Aquando da Anunciação, o anjo Gabriel dá-lhe, como nome próprio, o nome de Jesus, o qual exprime, ao mesmo tempo, a sua identidade e a sua missão (Cf. Lc 1, 31). Uma vez que «só Deus pode perdoar os pecados» (Mc 2, 7), será Ele quem, em Jesus, seu Filho eterno, feito homem, «salvará o seu povo dos seus pecados» (Mt 1, 21). Em Jesus, Deus recapitula, assim, toda a sua história de salvação em favor dos homens (Cat 430). Nesta história de salvação, Deus não Se contenta com libertar Israel «da casa da escravidão» (Dt 5, 6), fazendo-o sair do Egipto. Salvou-o também dos seus pecados. Porque o pecado é sempre uma ofensa feita a Deus (Cf. Sl 51, 6), só Ele é que pode absolvê-lo (Cf. Sl 51, 11). É por isso que Israel, tomando cada vez mais consciência da universalidade do pecado, só poderá procurar a salvação na invocação (Cf. Sl 79, 9) do nome do Deus Redentor (Cat 431). O nome de Jesus significa que o próprio nome de Deus está presente na pessoa de seu Filho (Cf. Act 5, 41; 3 Jo 7) feito homem para a redenção universal e definitiva dos pecados. Ele é o único nome divino que traz a salvação (Cf. Jo 3, 18; Act 2, 21) e pode, desde agora, ser invocado por todos, pois a todos os homens Se uniu pela Encarnação (Cf. Rm 10, 6-13), de tal modo (Act 4, 12; Cf. Act 9, 14; Tg 2, 7) que «não existe debaixo do céu outro nome, dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos» (Cat 432).

Desde tempos imemoriais, a Festa ao Divino Salvador vem associada ao mistério da Transfiguração que, contemplada como pórtico da Páscoa, se entende como centro e cume da manifestação dos factos salvíficos e das profecias do projecto divino da Redenção humana. Por isso, a sua expressão popular e litúrgica escolheu o 6 de Agosto, festa da Transfiguração do Senhor.

Divino Salvador, S. Salvador ou o Salvador são expressões que a piedade popular divulgou e cuja manifestação configurou representações significativas de onomásticos pessoais (nome ou apelido) e de lugares (cidades e países).

A ideia da salvação (gr.sôzô e derivados) é expressa em hebraico por um conjunto de raízes que se referem a uma mesma experiência fundamental: ser salvo é ser retirado de um perigo, com o risco de morrer. Por isso, segundo a natureza do perigo, trata-se de protecção, libertação, resgate, cura, saúde, vitória, vida, paz... É a partir de uma tal experiência humana e retomando os próprios termos que o exprimem que a revelação explicou um dos aspectos mais essenciais da acção de Deus no mundo: Deus salva os homens, Cristo é o nosso Salvador (Lc 2,11), o Evangelho traz a salvação a todo o crente (Ro 1,16). Há pois, desse modo, uma palavra-chave da linguagem bíblica. Mas, as suas ressonâncias finais não devem fazer esquecer o seu processo lento de elaboração.

A ideia de um Deus que salva os seus fiéis é comum em todas as religiões. No antigo Testamento é uma palavra corrente e antiga, como demonstram os próprios nomes com a raiz "salvador", Josué, Isaías, Eliseu, Oseias, para citar a raiz principal *yaša*. Mas a experiência histórica do povo de Deus dá-lhe um colorido particular o que explica, por um lado, o seu uso na escatologia profética.

Quando Israel se encontra num período crítico e Deus o livra, seja por concurso providencial de circunstâncias que podem atingir o milagre, seja enviando-lhe um chefe humano que o conduz à vitória, experimenta a salvação de Deus. O cerco de Jerusalém por Senaqueribe apresenta-se como um exemplo clássico: o rei da Assíria desafia Javé a salvar Israel (2 Reis 18, 30-35), Isaías promete a salvação (2 Reis 19, 34. 20, 6) e, efectivamente, Deus salva o seu povo. Os historiadores sagrados sublinham muitas experiências semelhantes, no passado. Deus salvou David (isto é: deu-lhe a vitória) por onde quer que fosse (2 Sam 8, 6.14; 23,10.12). Por intermédio de David, salvou o seu povo das mãos dos seus inimigos (2 Sam 3,18), como o fizera já por intermédio de Saul (1 Sam 11,13), de Samuel (1 Sam 7,8), de Sansão (Jz

13,5), de Gedeão (Jz 6,14), de todos os Juízes (Jz 2,16.18). Na altura do Êxodo, sobretudo, salvou Israel, resgatando-o e livrando-o (Ex 14,13; cf Is 63,8s; Sl 106,8.10.21). E, num passado mais longínquo, esta experiência capital, manifesta-se salvando os filhos de Jacob, por meio de José (Gen 45,5), a vida de Lot (Sab 10,6), Noé na altura do Dilúvio (Sb 10,4; cf Gen 7,23)... Compreende-se assim que, em todo o perigo premente, Israel volta-se para Javé «a fim de ser salvo» (Jer 4,14) e lamenta-se se a salvação esperada não chega (Jr 8,20). Sabe que, fora do seu Deus, não há salvador (Is 43,11; cf 47,15; Os 13,4) e, perscrutando as salvações passadas, estima invocá-Lo com este título (cf Is 63,8; 1 MI 4,30).

É, no momento da grande prova nacional que Israel olha com mais confiança para Deus que o salvará (cf Mq 7,7). O seu título de Salvador torna-se o leitmotiv da escatologia profética (Sf 3,17; Is 33,32; 43,3; 45,15.21; 60,16; Br 4,22), e os oráculos relativos aos «últimos tempos» descrevem sob diversos aspectos a salvação final de Israel. Javé, diz Jeremias, salvará o seu povo e o trará para a sua terra (Jr 31,7) e vai enviar-lhe o Rei-Messias (Jr 23,6). Javé, diz Ezequiel salvará as suas ovelhas, conduzindo-as para boas pastagens (Ez 34,22); purificando o seu povo de todas as suas imundícies, pelo dom do seu Espírito (Ez 36,29). E a mensagem da consolação e toda a literatura a ela associada evocam constantemente o Deus que vem salvar o seu povo (Is 35,4) e, para além de Israel, a terra inteira (Is 45,22). A salvação é um acto essencial da sua justiça vitoriosa (cf Is 63,1). E, para o realizar, enviará o seu Servo (Is 49,6.8). Também palavras «*justiça e salvação*» tendem a tornar-se uma designação técnica da sua obra escatológica, prometida e saudada já com entusiasmo (Is 46,13; 52,7-10; 56,1; 59,17; 61,10; 62,1). As descrições posteriores ao exílio sobre o Dia de Javé cantarão a alegria desta salvação (Is 12,2; 25,9) concedida a todos os que invocam o nome do Senhor (Jl 5), a todos os que estão inscritos no seu Livro (Dn 12,1). Enfim, a Sabedoria alexandrina descreverá a salvação dos justos, no último dia (Sb 5,2). No decurso e confluência de textos, a ideia de salvação vai-se enriquecendo de toda uma gama de harmónicos. Ligada ao Reino de Deus, torna-se sinónimo de paz e de felicidade (Is 52,7), de purificação (Ez 36,29) e de libertação (Jr 31,7). O artífice humano, o Rei escatológico, merece também o título de Salvador (Za 9,9LXX), porque salvará os pobres oprimidos (Sl 72,4.13). Todos estes aspectos da profecia preparam directamente o novo Testamento.

A salvação é um dom de Deus: é a certeza fundamental e o apoio em que se pode invocar a experiência do triunfo (Sl 44,4.7s). É inútil associar uma confiança presunçosa nas forças humanas (Sl 33,16-19): a salvação dos justos vem de Javé (Sl 37,39s); Ele próprio é a Salvação (Sl 27,1; 35,3; 62,7). Esta doutrina é atestada por numerosas experiências. Quantas pessoas em perigo foram salvas por Deus, quando gritaram para ele (Sl 107,13.19.28; cf 22,6)!

Diversas orações de acção de graças testemunham factos deste género (vg Sl 118,14): as orações das pessoas, salvas do perigo (Sl 18,20), da prova (Sl 51,11), da morte iminente (Sl 116,6). Livros tardios comprazem-se a contar histórias semelhantes: as três crianças, salvas do fogo (Dn 3,28=95), Daniel, na cova dos leões (Dn 6,28); pois que Deus salva sempre quem n'Ele espera (Dn 13,60). Assegura a todos os seus servos (Sl 91,14ss) como prometeu ao seu povo (Sl 69,36) e ao seu Ungido (Sl 2,0,7). E os salmos enumeram os clientes da salvação de Deus, que costuma salvar, quando por Ele chamam: os justos (Sl 34,16.19), os pobres (Sl 34,7; 109,31), os humildes (Sl 18,28; 76,10; 149,4), os pequenos (Sl 116,6), os perseguidos (Sl 55,17), os corações rectos (Sl 7,11), os espíritos abatidos (Sl 34,19) e em geral todos os que O temem (Sl 145,19). É isto que nos leva a confiar e incita à oração.

Os suplicantes invocam Deus com o título de Salvador (Sl 51,1) «Salvador dos desesperados», (Jdt 9,11) ou do «Deus de salvação» (Sl 51,16; 79,9). A sua oração exprime-se numa palavra: «Javé salva!» (Sl 118,25), «Salvai-me e serei salvo» (Jr 17,14).

O que segue, evoca geralmente as circunstâncias concretas, semelhantes às que todos os homens se deparam, num dia ou noutro: prova e angústia (Sl 86,2) perigo iminente de morte (Sl 69,2.15), perseguição dos inimigos (Sl 22,22; 31,12.16; 43,1; 59,2). E, por vezes, o próprio Javé responde à súplica, através de um oráculo de salvação (Sl 12,2.6). Para além dos pedidos individuais, a alma israelita implora, para além dos seus votos, a salvação escatológica prometida pelos profetas (cf Sl 14,7; 80,3s.8.20): «Salva-nos, Javé, nosso Deus, e reúne-nos dentre as nações!» (Sl 106,47). Por vezes, acontece que Javé responde por um oráculo (Sl 85,5.8.10). É tão grande a mensagem da consolação que alguns salmos cantam de imediato a manifestação da salvação que anunciam (Sl 96,2; 98,1ss), enquanto outros exprimem a esperança de mostrar a alegria (Sl 51,14). Através de todos estes textos, vê-se como a alma de Israel, à entrada do novo Testamento, aguarda a Salvação que Cristo vai trazer ao mundo.

Foi por actos significativos que, primeiramente, Jesus se revelou como Salvador.

Salva os doentes, curando-os (Mt 9,21p; Mc 3,4; 5,23; 6,56); salva Pedro caminhando sobre as águas e os discípulos apanhados pela tempestade (Mt 8,25; 14,30). O essencial é acreditar n'Ele: é a sua fé que salva os doentes (Lc. 8,48; 17,19; 18,42), e os discípulos são repreendidos por terem duvidado (Mt 8,26;14,31). Estes factos mostram desde já qual é a economia da salvação. Entretanto, importa ver mais que a salvação corporal. Jesus traz aos homens uma salvação muito mais importante: a pecadora é salva porque Ele lhe perdoa os pecados (Lc 7,48ss), e a salvação entra na casa de Zaqueu penitente (Lc 19,9). Para ser salvo é preciso acolher com fé o Evangelho do Reino (cf Lc 8,12).

Quanto a Jesus, a salvação é o fim da sua vida: veio para salvar o que estava perdido (Lc 9,56; 19,10), para salvar o mundo e não para o condenar (Jo 3,17; 12,47). Se fala, é para salvar os homens (Jo 5,34). É a porta : quem entrar por Ele será salvo (Jo 10,9).

Estas palavras fazem ver que a salvação dos homens é uma importante tarefa. O pecado coloca-a em perigo de perdição. Satã está aí, pronto para tentar tudo, a fim de que se percam e para impedir que sejam salvos (Lc 8,12). São as ovelhas perdidas (Lc 15,4.7); mas Jesus foi, justamente, enviado para elas (Mt 15,24): não se perderão se entrarem no seu rebanho (Jo 10,28; cf 6,39; 17,12; 18,9).

A salvação que oferece tem, entretanto, uma contrapartida: para quem não escolhe a oferta oportuna, o risco de perdição é eminente e irreparável. Importa fazer penitência, quanto antes, se se não quiser perder (Lc 13,3.5). É preciso entrar pela porta estreita, se se quer pertencer ao número dos salvos (Lc 13,23s). Importa perseverar nesta via, até ao fim (Mt 24,13). A obrigação de despojamento é tal que os discípulos se interrogam: «Quem pode, então, salvar-se?» De facto o que é impossível aos homens, importa que seja um acto da potência, todo-poderosa, de Deus (Mt 19,25s e par).

Finalmente a salvação que Jesus oferece apresenta-se como um paradoxo: Quem quer salvar-se, perder-se-á; quem aceita perder-se, salvar-se-á para a vida eterna (Mt 10,39; Lc 9,24; Jo12, 25). Esta é a lei e o próprio Jesus a ela se submete: Ele que salvou os outros e que não se salva a si mesmo na hora da cruz (Mc 15,30s). Certamente o Pai o pode salvar da morte (He 5,7); mas foi para esta hora que veio até nós (Jo 12,27). Quem procura a salvação, acreditando n'Ele, deverá segui-lo até aí.

Após a Ressurreição e o Pentecostes, a mensagem da comunidade apostólica tem como objectivo a salvação realizada conforme às Escrituras. Pela sua ressurreição, Jesus foi estabelecido por Deus «como Chefe e Salvador» (Ac 5,31; cf 13,23). Os milagres realizados pelos Apóstolos confirmam a mensagem: se os doentes foram curados foi em virtude do Nome de Jesus, pois que não há outro nome pelo qual devamos ser salvos (Ac 4,9-12; cf 14,3).

Por isso o Evangelho se define como «Palavra da salvação» (Ac 13,26; cf 11,14), endereçada em primeiro lugar aos Judeus (Ac 13,26), depois às outras nações (Ac 13,47; 28,28).

Em retorno, os homens são convidados a acreditar «para se salvar desta «geração perversa» (Ac 2,40). A condição da salvação é a fé, no Senhor Jesus (Ac 16,30s; cf Mc16,16), a invocação do seu Nome (Ac 2,21; cf Jl 3,5). Judeus e pagãos estão, neste âmbito, em posição igual. Não se salvam por eles mesmos; é a graça do Senhor Jesus que os salva (Ac 15,11). Os Apóstolos trazem aos homens a única «via da salvação» (Ac 16,17). Os convertidos têm de tal modo consciência disso que se consideram como o Resto que deve ser salvo (Ac 2,47).

Esta importância do tema da salvação, na pregação primitiva, explica que os evangelistas Mateus e Lucas tenham querido sublinhar, desde a infância de Jesus, o seu futuro papel de Salvador. Mateus sublinha a missão, com o próprio nome de Jesus que significa «Javé salva» (Mt1, 21). Lucas dá-lhe o título de Salvador (Lc 2,11). Fá-lo saudar por Zacarias, na aurora próxima da salvação prometida pelos profetas (Lc 1,69.71.77), e por Simeão, a sua aparição neste mundo, numa perspectiva de universalismo total (Lc 2,30). Enfim a pregação de João Baptista, seguindo as Escrituras, prepara as vias do Senhor, a fim de que «toda a carne veja a Salvação de Deus» (Lc 3,2-6; cf Is 40,3ss; 52,10). As lembranças conservadas, no decurso dos evangelhos, apresentam, de forma concreta, esta manifestação da salvação que culminará na cruz e na ressurreição.

«Deus quer a salvação de todos os homens» (1 Tm 2,4; cf 4,10). Por isso enviou o seu Filho como Salvador do mundo (1 Jo 4,14). Quando veio ao mundo, o «nosso Deus e Salvador» (Tt 2,13), foi para salvar os pecadores (1 Tm 1,15), então se manifestaram a graça e o amor de Deus, nosso Salvador (Tt 2,11; 3,4); porque, na sua morte e ressurreição, Cristo tornou-se para nós «princípio de salvação eterna» (He 5,9), salvador do Corpo que é a Igreja (Ef 5,23). Assim, o título de Salvador convém igualmente ao

Pai (1 Tm 1,1; 2,3; 4,10; Tt 1,3; 2,10) e a Jesus (Tt 1,4; 2,13; 3,6; 2 P 1,11; 2,20; 3,2.18). Eis porque o Evangelho que relata todos estes factos é «uma força de Deus para a salvação de todo o crente» (Ro 1,16). Ao anunciá-lo, um apóstolo não procura outro fim, a não ser a salvação dos homens (1 Co 9,22; 10,33; 1 Tm 1,15), quer se trate de pagãos (Ro 11,11), quer de Judeus, cujo um Resto, ao menos foi salvo (Ro 9,27; 11,14) na esperança de que, finalmente, seja todo o Israel (Ro 11,26).

Uma vez proposto o Evangelho, pela palavra apostólica, aos homens, cabe a estes fazer uma escolha que determinará a sua sorte: a salvação ou a perda (2 Tes 2,10; 2 Co 2,15), a vida ou a morte.

Os que crêem e confessam a sua fé são salvos (Ro 10,9s.13), aliás a sua fé, selada pela recepção do baptismo, é uma verdadeira experiência da salvação (1 Pe 3,21). Deus os salva por pura misericórdia, sem considerar as suas obras (2 Tm 1,9; Tt 3,5), por graça (Ef 2,5.8), dando-lhes o Espírito Santo (2 Tes 2,13; Ef 1,13; Tt 3,5s). A partir deste momento, o cristão deve conservar com fidelidade a Palavra que pode salvar a sua alma (Ti 1,21); deve alimentar a sua fé pelo conhecimento das Escrituras (2 Tm 3,15) e fazê-la frutificar pelas boas obras (Ti 2,14); deve trabalhar com temor e tremor no «cumprimento da sua salvação» (Flp 2,12). Isso supõe um constante exercício das virtudes salvadoras (1 Tes 5,8), graças às quais, crescerá, em vista da salvação (1 Pe 2,2). Não se permite qualquer negligência; a salvação é oferecida em cada momento da vida (He 2,3); «é agora o Dia da salvação» (2 Co 6,2).

Embora herdeiros da salvação (He 1,14) e plenamente justificados (Ro 5,1), não estamos ainda salvos, a não ser em esperança (Ro 8,24).

Deus reservou-nos para a salvação (1 Tes 5,9), mas trata-se de uma herança que só se há-de revelar no fim dos tempos (1 Pe 1,5). Impõe-se o esforço da vida cristã, pois que cada dia que passa nos coloca mais próximos (Ro 13,11). A salvação, no sentido forte do termo, deve ser considerada na perspectiva escatológica do Dia do Senhor (1 Co 3,1ss; 5,5). Já reconciliados com Deus pela morte do seu Filho e justificados pelo seu sangue, seremos, então, por ele, salvos da Cólera (Ro 5,9ss). Cristo aparecerá para dar-nos a Salvação (He 9,2.8).

Também esperamos esta manifestação final do Salvador que concluirá a sua obra, transformando o nosso corpo (Flp 3,20s); é nisso que a nossa salvação é objecto de esperança (Ro 8,23ss).

Então, seremos salvos da doença, do sofrimento, da morte; todos os males porque, os salmistas imploravam a fim de ser libertados e que Jesus, na sua existência e missão, vencida com milagres, serão definitivamente abolidos. O cumprimento de uma tal obra será a vitória, por excelência, de Deus e de Cristo. Neste sentido, proclamam as aclamações litúrgicas do Apocalipse: «A salvação pertence ao nosso Deus e ao Cordeiro» (Ap 7,10; 12,10; 19,1).

**Colomban Lesquivit e Pierre Grelot, in Vocabulaire de Théologie Biblique, Ed du Cerf, Paris 1966**

**A Igreja católica celebra, em 6 de Agosto,** o altíssimo e terno mistério da gloriosa Transfiguração de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois que, verdadeiramente, é um profundo testemunho do mistério da Santíssima Trindade, da Incarnação, do Magistério do Filho de Deus e de glória, com que há-de vir a julgar os vivos e os mortos e reformar os fracos e corruptíveis corpos e conformá-los com o Seu. E de grande alívio e descanso para todos os filhos de Adão que navegam no meio de tantos trabalhos e perigos, nas ondas e tempestades, para o porto tranquilo da nossa bem-aventurada eternidade.

A ocasião que o Senhor teve para transfigurar-se foi a seguinte (cf Mt 16 e 17). Logo que S. Pedro, iluminado com a luz do céu, confessou que Jesus Cristo, nosso Salvador, era Filho de Deus vivo e, como prémio desta confissão, o Senhor lhe prometeu dar as chaves do Reino dos céus, ao mesmo tempo começou a avisar os seus discípulos que havia de padecer muito em Jerusalém, dos escribas e príncipes dos sacerdotes e que havia de morrer às suas mãos e, depois de morto, ressuscitar.

Pois que tendo sido estabelecido, pela boca de S. Pedro, a sua divindade e clarificando os corações dos apóstolos que era Deus, o Filho do Deus verdadeiro, quis que compreendessem que, ao mesmo tempo, era Deus e também homem e que tinha tomado a nossa carne, para nela padecer e entregar-se à morte, por sua vontade e, com ela, pagar as nossas culpas. E, de tal modo que a própria morte fosse vencida, sob os seus pés. E, como Pedro não entendesse, pelo amor que lhe tinha, o mistério da Cruz e quisesse desviá-lo desse seu propósito, repreendeu-o por aquele afecto humano e carnal, com que pretendia impedir. Assim, obteve ocasião para pregar-nos a abnegação e mortificação de nós mesmos, a fim de que, cada um, tomando a sua cruz e o seguisse e perdesse a vida por ele para ganhá-la e não amá-la para a perder, acrescentou que o Filho do homem haveria de vir em glória e

majestade, para dar a cada um, o prêmio das suas obras e que, alguns dos seus discípulos que ali estavam presentes, antes de morrer, o veriam no seu Reino. Pois, a fim de confirmar, o que S. Pedro tinha confessado, com a voz e o testemunho do Pai eterno e, quando o vissem morrer, não se escandalizassem e entendessem que ele era o Senhor da vida e da morte, e que morreria por vontade própria e haveria de ressuscitar e, além disso, para que não se tornasse tão áspero e duro o caminho do céu, nem pensassem que a doutrina de Cristo se reduzia a mortificação e abnegação, cruz, angústias e penas e, também, desanimassem e perdessem o alento, nas muitas e graves dificuldades que, a segui-lo, teriam de enfrentar, quis o mesmo Senhor transfigurar-se e dar-lhe um breve gozo da sua glória e uma, como que mostra e vislumbre, do prêmio que haviam de ter e da bem-aventurança que haviam de alcançar.

Por isso, dizem os Sagrados Evangelistas que tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão (que eram os mais queridos e familiares discípulos seus e com quem costumava tratar as coisas mais secretas e os que, de seguida, o haviam de ver desfigurado e posto em agonia, suando sangue no horto) e os levou a um monte alto, afastado e se transfigurou diante deles.

O Senhor levou três discípulos, número suficiente de testemunhas, e não mais, porque queria que este mistério ficasse encoberto e secreto, pois que, sabendo muitos uma coisa, facilmente se apercebe e espalha, não chamou os outros.

O texto do Evangelho não diz a que monte foi o Senhor, mas a opinião comum e a tradição é que foi ao monte Tabor que está próximo da Cidade Nazaré e, como diz S. Jerónimo, está no meio da planície da Galileia, redondo e altíssimo. E o mesmo S. Jerónimo, Beda e S. João Damasceno afirmam que a transfiguração se deu no monte Tabor, tão ilustre pela vitória que nele alcançaram Barac e Débora, de Sisara, capitão general de Ibain, rei de Canaã. E, muito mais, porque nele o Senhor ensinou e pregou, naquele largo, o admirável sermão do monte que é a suma e o epílogo de toda a doutrina e perfeição evangélica. S. Pedro chama santo a este monte, por ter sido pisado pelos santos pés do Senhor e ter sua Divina majestade feito nele, coisas tão sublimes e misteriosas. Subiu Cristo, nosso Salvador, ao monte, como costumava fazer outras vezes, para estar toda a noite em oração e para ensinar-nos que a solidão e o silêncio aproveitam muito para este santo exercício e são grande estorvo a inquietação e o bulício. E que para acolher os resplendores da luz divina e alcançar a perfeição, devemos abandonar os vales e os lugares baixos e subir ao cúmulo das virtudes, onde a alma se transforma em Deus.

E não apenas por isso. O Senhor subiu ao monte, para transfigurar-se e mostrar-se glorioso, nele, porque, depois, havia de subir ao monte Calvário e ali ser desfigurado e morto na cruz. E se, no monte Tabor, solitário e afastado, manifestou a glória do seu corpo, no monte Calvário, na presença de toda a cidade de Jerusalém, mostrou a ignomínia e a afronta, para nos ensinar a estima que devemos ter das coisas, encarando-as e refreando o apetite da honra e glória vã e não temer a desonra e os juízos dos homens, por amor do Senhor.

Finalmente, subiu ao monte porque, comumente, Deus costuma mostrar a sua glória nos montes, por que estão mais próximos do céu e mais afastados dos homens, como se viu, na Majestade de Deus que se mostrou a Moisés, no monte Sinai que, como diz Santo Hilário, foi uma figura da Transfiguração. Estando, pois, o Senhor neste monte, pôs-se (como escreve S. Lucas) em oração. E parece que devia ser de noite, quando isto sucedeu, porque os apóstolos estavam cheios de sono e, porque o mesmo S. Lucas diz que, baixando, no dia seguinte, do monte, veio ao encontro dele muita gente, dando, deste modo, a entender que tinha estado no monte, na noite anterior. Assim é de crer que foi um maravilhoso e suavíssimo espectáculo, ver o Senhor no meio da escuridão e trevas da noite, resplandecer mais que o Sol.

Fazendo oração, Cristo se transfigurou diante dos seus discípulos, os quais, despertando daquele pesado sono, o viram com o rosto glorioso e todo o corpo mais claro e resplandecente que o próprio sol e suas vestes mais brancas do que a neve. Vieram, para junto dele, Moisés e Elias que se colocaram de um e de outro lado, cheios de majestade, participando da reflexão da luz e glória que saíam do Senhor e ele ficou no meio. Falavam com ele da ocorrência da morte que, para cumprir as profecias, havia de padecer em Jerusalém. O Senhor não mudou a substância do seu corpo, mas vestiu-o de uma nova claridade que penetrou a substância de todo o corpo e as suas partes mais íntimas e profundas, do mesmo modo que os santos estão no céu, como cristal lícido e transparente, como insinua S. Jerónimo e S. João Damasceno que dizem que foi visto com aquela claridade, com que se verão os santos, no dia do Juízo. Ou aquela claridade (e é mais provável) ocupou somente a superfície e a tez do rosto, com que o aformoseou e o tornou mais claro que o próprio sol, como diz S. Tomás e outros autores. E do rosto derivava toda aquela imensa luz nas mãos e nos outros membros do corpo do

Senhor, como diz S. Jerónimo, Santo Agostinho e Lyra. Além do mais, a claridade do corpo redundava no vestido, de modo que era mais branco do que a neve. E, para declarar a excelência daquele resplendor de nosso Senhor e dar-nos uma imagem de que era o máximo, impossível de compreender, o evangelista diz que fora como o resplendor do sol. Porque não há entre as criaturas nada que resplandeça mais que o sol. E, pela mesma razão, comparou a brancura das vestes de Cristo à brancura da neve, pois nada é mais branco que a neve. E o ter-se o Salvador mostrado glorioso, com aquela nova claridade no monte, chamam os evangelistas transfigurar-se, embora não tenha tomado outra forma, nem outra figura, mas alterou a que tinha antes, dando-lhe aquele novo resplendor e maravilhosa claridade, de tal modo que olhando para o corpo passível e mortal que, então, tinha o Senhor, pareça que foi milagre. Mas considerando a fonte, donde manava aquela soberana luz, acharemos que não foi, porque brotava da sua divindade e da glória que enchia a sua benditíssima alma que, desde que se uniu ao corpo, viu a Deus e foi bem-aventurada e de ela se espargia, naquele corpo, a participação daquela glória e os quatro dotes que possuem os bem-aventurados, nos seus corpos gloriosos que são a impassibilidade, agilidade, subtilidade e claridade, pois que, à alma gloriosa, se deve o corpo glorioso e proporcionado.

Mas o Senhor, para padecer na carne, que tomara por nós, deteve a glória da sua alma, para não derramar-se no seu corpo, com um milagre contínuo. Mas agora, para animar-nos e alentar-nos, para o seu serviço, pelas razões já referidas, soltou o dique e permitiu que a sua santíssima alma comunicasse ao seu corpo, o que sempre devia comunicar, se, para nosso bem, não estivesse detido.

E isto, como dissemos, não foi o milagre, mas uma supressão de milagres. Como uma pedra que de si é pesada e inclinada para o seu centro, estivesse suspensa e detida no ar, isso seria milagre. Mas se se eliminasse o estorvo e ela caísse, isso não era tido por milagre, pois que seria natural e próprio da pedra. O que impedia a pedra de cair, era violento e contra a natureza.

Porém o sagrado evangelista diz que apareceram ali com o Senhor, em majestade, Moisés e Elias, para que fossem testemunhas da sua gloriosa transfiguração.

Elias veio donde estava, em corpo e alma. E Moisés, como diz S. Tomás, veio só com a alma, tomando um corpo aéreo, do modo que costumam tomar os anjos, quando aparecem. Embora pareça mais conforme à letra do evangelho, que Moisés tivesse ressuscitado e viesse no seu próprio corpo. Assim o dizem Tertuliano, Orígenes, Ireneu, Cirilo, S. Jerónimo, Santo Agostinho e outros gravíssimos autores.

Quis o Senhor que Moisés e Elias se encontrassem presentes, porque em Moisés se figurava a Lei e em Elias os Profetas e a Lei e os profetas dão testemunho de Cristo. E, também, para que os discípulos que tinham ouvido dizer de Cristo que era Elias, Jeremias ou um dos profetas, se desenganassem, vendo Elias em pessoa, ao lado do Senhor, e que entendessem que Ele não era Elias, mas o Senhor de Elias e, também, para mostrar-se Senhor dos vivos e dos mortos, pois que, Elias estava vivo e Moisés tinha morrido. Moisés foi o legislador e o profeta mais estimado e considerado pelos hebreus. E Elias o mais zeloso da glória de Deus e da observância da sua Lei.

Por isso, entre todos os profetas, estes foram escolhidos para que testificassem que Cristo não contradizia a Lei de Moisés, mas antes a aperfeiçoava e, em todas as suas acções, diligenciava e procurava a honra do eterno Pai. Acrescenta S. Jerónimo que, visto que os escribas e fariseus pediram a Cristo nosso Salvador um sinal do céu, Ele quis dá-lo aos seus discípulos, trazendo do céu Elias e ressuscitando Moisés do Limbo, para declarar que podia fazer milagres nas profundezas do Inferno e no céu.

E se os que mais jejuam e se privam, por amor de Deus, dos bons pedaços, merecem ser mais presenteados com alívios espirituais que Deus dá aos seus, quem deviam ser os chamados a esta mesa, por convite Real, senão os que tinham jejuado quarenta dias, sem comer nada, como o Salvador e como o que fizeram Moisés e Elias?

Mas, coisa maravilhosa, estes dois excelentíssimos profetas, estando o Salvador em tão grande majestade, falavam com Ele da terrífica morte que iria padecer em Jerusalém, a fim de nos ensinar aquela bondade, sem medida, imensa e incompreensível, de Deus para conosco. Pois que, estando naquela gloriosa representação, tratavam da Cruz e da Paixão e da Morte que por nós teria de padecer em Jerusalém.

Isso sucedeu por excesso de infinita sabedoria d'Aquele que, sendo a Sabedoria do Pai, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência de Deus, foi tratado e escarnecido como

demente e calou como mudo, diante dos que o acusavam, para salvar, pela ignomínia da cruz, os que n'Ele acreditassem e mostrar que, toda a sabedoria do mundo, no acatamento do Senhor, é insipiência e loucura. Foi excesso de caridade pois que o Senhor, amando de tal modo o escravo que O ofendera, para que não morresse, morreu o próprio Senhor e pagou, com uma morte tão afrontosa e dolorosa, a pena que o escravo merecia. Foi excesso de humildade, de obediência, de pobreza, de penitência, de mansidão e, de todas as outras virtudes perfeitíssimas e divinas, o que nos ensinou, a partir da cátedra da cruz, como Mestre único e educador vindo do céu.

Despertando os apóstolos, tiveram aquela visão admirável e ouviram aquele ensino que tiveram Moisés e Elias com o Senhor. E conheceram quem eram Moisés e Elias, porque, embora, nunca os tivessem visto, por divina revelação e, por aquela luz de glória que tiveram, puderam-nos conhecer e, porventura, pelas palavras que cada um deles dizia, falando com Cristo, mostrando quem eram.

E quando se afastaram e se despediam de Cristo, como refere o evangelista S. Lucas, S. Pedro, como mais fervoroso e desgostoso de ouvir falar da paixão e morte do seu Mestre, disse: *Senhor, estamos bem aqui. Façamos neste monte três moradas: uma para Vós, outra para Moisés e outra para Elias.*

Mas, acrescenta o Evangelista que, não sabia o que dizia. Foi tão grande o gozo interior, a doçura e alegria que teve com aquela celeste visão que, traído, como fora de si, falou, sem saber o que dizia, nem lembrar-se de coisa humana, nem querer afastar-se daquela suavidade e gosto que sentia.

S. Pedro não sabia o que dizia, porque, estando todo o mundo em trevas, queria esconder e encerrar, naquele monte, o Sol da justiça que o haveria de iluminar. Não sabia o que dizia, tendo chegado Cristo para padecer, ele não desejava que padecesse. Não sabia o que dizia porque, na partilha daquelas moradas que queria edificar, igualava Moisés e Elias com Cristo. Não sabia o que dizia porque, sendo sofredor e mortal, julgava poder chegar à bem-aventurança, sem passar estreito umbral e amargura da morte. Não sabia o que dizia porque, procurava na terra, o que só poderia encontrar no céu. Queria descanso, onde é preciso trabalhar, gozo, no lugar do desterro, alcançar vitória, sem luta, coroa, sem combate, prêmios, sem serviços, o dinheiro e a paga que se faz ao jornaleiro, antes de ter trabalhado na vinha. Não sabia o que dizia, porque apenas se contentava com aquela visão da glória do corpo do Senhor e retinha-a, como suma bem-aventurança, não sendo, mais que uma gota, daquele rio que alegra a Cidade de Deus, uma gota daquele vinho precioso que embriaga os moradores do Céu. Mas se isto diz Pedro, apenas provando uma gota daquele vinho celeste, que fazia se, à boca cheia, bebesse daquele impetuoso Rio de deleites e daquela abundantíssima mesa, dos que vêem e gozam a Deus e cujo alimento é o próprio Deus?!

Mas não admira que Pedro não acertasse ao falar, porque estava perturbado, assombrado, abortido e fora de si. E, nas coisas altas e divinas que tanto excedem e superam a nossa fraqueza não se admira que os homens não acertem ao falar. Mas muito se admira que haja homem (falamos de homens, não de animais) que, de tal modo estão abrasados, com as coisas efêmeras e frágeis desta vida miserável que tomam os espinhos, por rosas e os abrolhos, por frutos doces e o fel, por mel e, assim, a morte por vida, e se não pelas palavras, mas obras, dizem que bem que estamos aqui e, por gosto, aqui ficariam sempre. Contra estes, diz S. Bernardo: *Como é possível que seja bom ficarmos aqui? Pelo contrário, trata-se de coisa molesta, grave e perigosa, pois que aqui há muita malícia e pouca sabedoria, se há alguma. Todas as coisas são peganhosas, cheias de desvios, trevas e laços de pecados, e onde as almas perigam e o espírito se aflige debaixo do sol e não se encontra senão vaidades e aflições do espírito.* Mas, numa coisa acertou S. Pedro: *Si vis* (Se quiseres), remetendo-se, em tudo, à vontade divina!

Mas, estando a falar assim, S. Pedro, súbita e repentinamente, veio uma nuvem do céu, clara e resplandecente, que os ensombrou e, nela, soou uma voz que disse: *Este é o meu Filho muito amado, no qual me deleito, escutai-O.*

Veio a nuvem, porque Deus só costuma mostrar a sua majestade, nas nuvens, como em coisa alta e superior, para declarar que, quem fala ou se mostra nela, é o Senhor soberano do céu e Deus verdadeiro. E para que se entendesse que, aquela voz que soava nela, era a voz do próprio Deus e não de outro. E, para que os olhos dos apóstolos, pudessem aguentar melhor, sem cegar, com a imensidade daquele esplendor e luz divina. E foi deveras conveniente que a nuvem fosse claríssima e não obscura,

nem caliginosa, como a que apareceu no monte Sinai, pois que não veio, como aquela, para assustar, mas para ensinar, proporcionada à glória da transfiguração do Senhor que ali se manifestava.

Ouviu-se da nuvem a voz do Pai eterno: *Este é o meu Filho querido, do meu agrado, ouvi-O.*

Como se dissesse: Este é o meu Filho natural, verdadeiro, consubstancial, em que me deleito e, por quem, me aplaco e reconcilio com o homem e, por Ele, tudo é do meu agrado. É a este que deveis ouvir; este é o vosso Mestre que tem palavras de Vida, com doutrina divina que produz felicidade a quem obedece. É a ele que deveis ouvir e não a Pedro que agora não sabe o que diz, nem a Moisés que é tartamudo, nem a Elias que com a sua língua fecha o céu e faz vir dele o fogo. Este é o verdadeiro Legislador, o termo de todos os profetas, o caminho e o guia para o céu. Ele que, se esvaziou de toda a santidade e figura de toda a substância, a Este é que deveis seguir, obedecer e imitar, se quereis ser meus filhos adoptivos, como ele é meu Filho unigénito e natural.

Ouvindo esta sonora e portentosa voz, os apóstolos, amedrontados e cheios de temor e pasmo, caíram com seus rostos por terra, ficando como mortos e fora de si, pois que, a fraqueza humana não é capaz de coisas tão altas e divinas, se o Senhor que as comunica, não se esforça e a levanta, como fez o Salvador. Chegando junto deles, tocou-os com a mão, como costumamos fazer, com os que desmaiaram e caíram, e disse-lhes que se levantassem e não tivessem medo. E, descendo do monte ordenou que não revelassem, nem dissessem a ninguém, o que tinham visto, até que ele ressuscitasse dos mortos e, assim o fizeram, calando, como nos diz S. Lucas.

Deste modo, os outros apóstolos não tiveram a tentação da inveja que, poderiam ter se o soubessem, nem o povo do escândalo que, sofreria se tivesse sabido que no monte tinha aparecido em glória e depois viesse a morrer num madeiro. Tê-lo-iam por burlão e embusteiro e que, com fingidas invenções e artes malélicas, se apresentava pelo que não era e se fazia Filho de Deus. Que, por isto, alguns dos que o viram na cruz, disseram: *Se és o Filho de Deus, desce da Cruz.* E, assim, nos ensinou o Senhor (como diz S. Tomás) que os altos mistérios não se devem propor a todos, de imediato, mas, primeiro, aos maiores e, por eles, a seu tempo, aos menores. E, como diz S. João Crisóstomo, por isso, escolheu estes três apóstolos, como as pessoas mais excelentes, a fim de que testemunhassem aos outros discípulos e a toda a Igreja, com mais autoridade e força, quando estavam já cheios do Espírito Santo.

Esta é a história do Sagrado Mistério da transfiguração do Senhor que a Igreja celebra, narrada brevemente, para que, os que não saibam, venham a saber o que celebram. Pois que foi um mistério soberano e uma visão singular e divina, para avivar a nossa fé, despertar a nossa esperança, acender a nossa caridade e gerar, nos nossos corações, um santo temor do Senhor.

Aviva a fé, em muitos artigos e mistérios em que acreditamos. O da Santíssima Trindade, no Filho que se transfigurou, na voz do Pai que se ouviu e na nuvem resplandecente do Espírito Santo que cobriu os apóstolos. O Mistério da Incarnação, do Filho querido, ao dá-lo como nosso Mestre, mandando que o ouvíssemos e lhe obedecêssemos. O mistério da paixão e morte do Senhor, naquele excesso de que falavam Moisés e Elias e o que havia de se cumprir em Jerusalém. O Mistério da Ressurreição e glória, não só de Jesus Cristo, mas também, de todos os seus membros e verdadeiros filhos, pois que nos representa, na própria transfiguração, porque, onde estiver a cabeça, hão-de estar os membros. Transfigurou-se o Senhor e revestiu-se de glória para que soubéssemos que os nossos corpos haveriam de se revestir daquela mesma glória e formosura, no céu, animando-nos com esta esperança a resistir aos apetites e deleites da nossa carne que nos faz guerra e engorda e se entretém com as criaturas.

Para além disso, aquelas palavras que o eterno Pai disse (*Este é o meu Filho querido, no qual me comprazo e agrado: ouvi-O*), ensinam-nos que a Lei antiga se acabou e que os profetas cessaram e o antigo Testamento não tem força, porque se abriu o Novo e foi publicado e o Pai nos deu por Mestre e Legislador o seu bendito Filho Jesus Cristo.

Também este mistério da transfiguração nos anuncia que há Limbo ou Inferno (lugar dos mortos) de onde veio a alma de Moisés e Paraíso terrenal, donde se crê que veio Elias, que há céu, donde soou a voz que ouviram os apóstolos. E que há Igreja militante que abrange casados, virgens e celibatários, significados por Pedro, João e Tiago. E, para confirmar todos estes mistérios quis que o Céu, a Terra, o Inferno (lugares inferiores), vivos e mortos dessem testemunho da grandeza e glória de Cristo.

Assim, o monte Tabor, com a transfiguração do Senhor gloriosíssimo e digno de toda a veneração e reverência, serviu de lugar para os fiéis, no alto cume, onde sucedeu este admirável mistério, como



disse Beda, levantassem três igrejas, pelos três tabernáculos e moradas que S. Pedro disse a Cristo que seria bom edificar. Junto às igrejas estabeleceu-se um insigne mosteiro. Os cristãos veneraram sempre aquele lugar, como um santuário devotíssimo que iam visitar, a fim de se confortar, despertando a memória daquele grande favor, para os seus corações, inflamados no amor ao Senhor e, suportar as fraquezas e misérias desta vida, com a esperança da eterna que, Cristo nosso Salvador, nos mostrou com a sua gloriosa transfiguração.

Para memória deste sagrado mistério, a Igreja instituiu a festa da Transfiguração.

Os autores que tratam dos divinos ofícios, dizem que foi instituída por Calixto III, no ano de 1456. O mesmo é referido por Platina e outros escritores e, ainda, que o mesmo Papa redigiu o Ofício que se devia rezar na Festa da Transfiguração, concedendo as mesmas indulgências que se ganham na Festa do Santíssimo Sacramento.

E isso ficou assinalado pela vitória que, em 6 de Agosto, o Senhor deu aos cristãos, na Hungria, contra os turcos, desbaratando um exército poderoso que cercava Belgrado de que saíram destroçados da batalha, Maomé, rei dos Turcos, com grande glória para Cristo e louvor da sua Igreja católica.

Entretanto, outros autores dizem que esta vitória se deu no dia da Madalena, em 22 de Julho do dito ano de 1456.

O certo é que a Festa da Transfiguração é muito mais antiga que o que estes autores supõem e dizem, como se pode ver nos martirologios latinos e outros mais antigos, redigidos à mão e nos menologios dos gregos que também celebram a festividade da Transfiguração do Senhor.

E, em Uvaldelberto que viveu pelos anos de 850 e, escreveu em verso, o martirologio, se testemunha a festa em 6 de Agosto. E em outros santos doutores antigos da Igreja há muitas orações da Transfiguração do Senhor que nos foram transmitidas por Lipomano e Suario e que o cardeal Baronio refere nas suas Anotações do Martirologio romano. O que fez o Papa Calixto III foi compor o ofício da Transfiguração e mandar que se rezasse naquele dia e conceder as indulgências aos que o rezassem, mas a festa foi instituída na Igreja muito antes de Calixto.

Procuremos aproveitar-nos dela. E, visto que, em toda a vida, tenhamos obrigações de lembrar a nossa pátria e de conhecer que este mundo é lugar de desterro, contudo, mais particularmente, o devemos fazer no dia que a Santa Igreja nos aviva a memória deste benefício incomparável e, nos coloca diante de nós, Cristo glorioso e transfigurado no monte, para despertar a nossa tibieza e aquecê-la com o desejo e a esperança da nossa bem-aventurança e imortalidade.

Não nos deixemos enganar e vencer pelos nossos apetites e gostos. Mortifiquemos a nossa carne, tomemos a nossa cruz, sigamos o Senhor e compreendamos que, o caminho do céu não é tão áspero, nem tão juncado de espinhos e dificuldades, como à primeira vista parece. E mesmo que fosse muito mais pedregoso e tivéssemos de ir para o céu em rodas de facas e morrer mil mortes cada dia, tudo não teria comparação, com alcançar aquela visão e gozo oferecido por Deus, em que se realiza a bem-aventurança da nossa alma que se manifestará no nosso corpo, em tanta glória e formosura, que só, de ter visto uma pequena amostra no corpo do Senhor, S. Pedro ficou tão perturbado, passado e fora de si que, sem saber o que dizia, pediu a Cristo que o deixasse ficar perpetuamente naquele sagrado monte. O Senhor, pela sua misericórdia, nos dê a graça a fim de que, neste vale de lágrimas, vivamos de tal modo que possamos vê-lo no monte alto do céu, não transfigurado, como o viram os três apóstolos no monte Tabor, mas como Ele é: remunerador e glorificador de todos os seus escolhidos, coroa e glória eterna daquela santa e bem-aventurada companhia. *Ámen*

**Padre Pedro de Rivadeneyra, *Flos sanctorum*, t. II, pp. 438-443, Barcelona 1790**

### **Transfiguração**

O episódio tem um forte conteúdo místico e assinala o ponto culminante da vida pública do Salvador (Jesus = Deus salva), perante três testemunhas.

S. Pedro refere-o na sua segunda carta, acrescentando aos evangelhos, a sua memória pessoal:

«Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que, pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, alcançaram, por participação, uma fé tão preciosa como a nossa... Com efeito, não foi com base em hábeis fábulas que vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, mas, por termos sido testemunhas oculares da sua majestade. Porque ele recebeu, de Deus Pai, a honra e a

glória, quando, do seio da glória magnífica, lhe foi dirigida esta voz: Este é o meu Filho muito amado, em quem pus todo o meu enlevo. Esta mesma voz que vinha do céu, a ouvimos, quando estávamos, com ele, no monte santo...» (2 Pe 1, 1. 16-18)

#### **O lugar**

Os evangelhos falam de um alto monte, não longe do lago de Genesaré que depois foi identificado com o monte Tabor próximo de Naim.

#### **O tempo**

Cerca de uma semana após a multiplicação dos pães e dos peixes.

#### **As personagens**

Jesus, os apóstolos Pedro, João e Tiago, os profetas Moisés e Elias.

#### **As fontes**

Os evangelhos sinópticos

#### **Representação**

Cristo, revestido de luz, abre os braços, num gesto que lembra a crucifixão, mas, ao mesmo tempo, aparece suspenso no ar, no acto da Ressurreição.

A cena mais frequente será porventura a da Transfiguração, em que Jesus de braços abertos, em glória, iluminado e de túnica branca é ladeado por Moisés e Elias, acima dos três discípulos, prostrados em terra. Tal representação já se apresenta, estilizada ou descritiva, no séc. VI, tanto em Ravena (Sto Apolinário in classe), como em Istambul (Karyie Camii ou São Salvador do Campo séc. IV?) e mais tarde, por influência, nos ícones russos. Com efeito, o tema é, repetidamente, a transfiguração. Outras representações de Cristo apresentam-se na antiguidade, quer em frescos ou mosaicos que desenvolvem o tema da sabedoria, do pastor, da realeza (guia) com afinidade a este tema.

E, nesta perspectiva, confluem os grandes pintores, como Raffaello Sanzio da Urbino (1483-1520), Giovanni Bellini (1430?-1516), Cristofano Gherardi (1508-1556) Lodovico Carracci (1555-1619) e Peter Paul Rubens (1577-1640). A cena apresenta Cristo rodeado por Moisés e Elias e os 3 discípulos adormecidos aos pés, envolvidos pela nuvem.

Rafael representa uma cena em movimento: a descida do monte e a cura de uma criança, com uma doença neuro-psíquica (epilepsia?) que aguarda Jesus, juntamente com os outros apóstolos que foram incapazes de curar tal doença (?). Houve quem interpretasse este quadro como duplo, mas na realidade é dinâmico e vem ao encontro deste nosso tema. De facto Jesus é o Salvador, o Salvador do mundo, do universo do sofrimento e da morte, de uma vida que, por ser efémera, pouco tem de vida. Neste sentido, é também evocado, a fim de que os homens possam ter acesso à vida plena (em abundância). Também neste sentido, é o Salvador, o único salvador do mundo.

Há novas representações com Jesus isolado, sobre um globo ou, porventura, com um globo na mão. As nossas representações são muito comuns, sobre uma nuvem, ressuscitado (com a chaga ou o coração), num trono ou de pé abençoando, com o globo na mão esquerda encimado com a cruz, braços abertos, por vezes em diagonal, etc..

Importa assinalar o grande oratório de Olivier Messiaen (1969), La Transfiguration de Notre Seigneur Jésus-Christ, para 7 solistas, um Coro de 100 cantores e uma Orquestra de 109 instrumentistas, com a duração de uma hora e meia.

#### **Culto**

Muito divulgado no Oriente e no Ocidente e nas Américas. Deu nome a um país e a duas cidades (capital de El Salvador e São Salvador da Bahia de Todos os Santos, capital e sede da administração colonial do Brasil até 1763).

**Na diocese do Porto é o patrono de 31 Paróquias com o nome de Divino Salvador e 14 com o nome de São Salvador (Total: 45 paróquias).**

#### **Iconografia**

Cristo transfigurado, glorioso, com o globo ou sobre o globo, vestes brancas, de mãos estendidas em cruz e em glória.

**Tradução, Compilação e comentários MA**